

DOSSIÊ

# SIGNO DA RELAÇÃO E OS DESAFIOS DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS SOBRE AS LGBT

Copyright © 2018  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

GEAN GONÇALVES

*Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil*

ORCID: 0000-0001-9781-6126

CREMILDA MEDINA

*Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil*

DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n1.2018.1066>

**RESUMO** - No presente texto, apresentamos os desafios de jornalistas que vão ao encontro de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, intersexuais e homens e mulheres transexuais (LGBT) para construir narrativas com o devido respeito e compreensão das dimensões de vulnerabilidade em torno da vida dessas pessoas e os desafios de escuta que esse processo representa. Apresentamos uma investida de campo, por meio do método da reportagem, na qual assinalamos as interpretações de três jornalistas sobre seus livros-reportagem com temática LGBT para elaborar uma discussão sobre o “Signo da Relação”, isto é, quais são os caminhos possíveis para alcançar alteridade, complexidade e cumplicidade na prática jornalística, elementos capazes de estimular a autoria e o devido reconhecimento das diferenças e desigualdades construídas em torno do gênero e da sexualidade em nossas sociedades.

**Palavras-chave:** Signo da Relação. Narrativas. LGBT. Prática Jornalística. Gênero.

## SIGNO DE LA RELACIÓN Y LOS DESAFÍOS DE LAS NARRATIVAS PERIODÍSTICAS SOBRE LAS LGBT

**RESUMEN** - En este artículo, presentamos los desafíos de periodistas que van al encuentro de lesbianas, gays, bissexuales, travestis, intersexuales y hombres y mujeres transexuales (LGBT) para construir narrativas con el debido respeto y comprensión de las dimensiones de vulnerabilidad alrededor a la vida de esas personas y los desafíos de escucha que este proceso representa. Partimos de una investidura de campo, por medio del método del reportaje, en la que señalamos las interpretaciones de tres periodistas sobre sus libros-reportaje con temática LGBT para elaborar una discusión sobre el “Signo de la Relación”, o sea, cuáles son los caminos posibles para alcanzar alteridad, complejidad y complicidad en la práctica periodística, elementos capaces de estimular la autoría y el debido reconocimiento de las diferencias y desigualdades construidas en torno al género y la sexualidad en nuestras sociedades.

**Palabras clave:** Signo de la Relación. Narrativas. LGBT. Práctica periodística. Gênero.

## THE SIGN OF RELATION AND THE CHALLENGES OF JOURNALISTIC NARRATIVES ON LGBT COMMUNITY

**ABSTRACT** - In this article, we present the challenges faced by journalists who interviewed lesbians, gays, bisexuals, transgenders and intersexuals (LGBT) to construct narratives and understand the vulnerability that these people must live with, as well as the listening challenges that this process represents. We present a field investigation based on the method of reporting and interview three journalists, understanding their renditions of reports and books they have written on the issue, and elaborating a discussion on the "Sign of Relation"; in other words, how alterity, complexity and complicity can be achieved in journalistic practice; elements that are capable of stimulating authorship and recognizing the differences and inequalities built around gender and sexuality in our societies.

**Key words:** Sign of Relation. Narratives. LGBT. Journalistic Practice. Gender.

### Introdução

Quais seriam as estratégias e posturas necessárias para o jornalista enunciar as pessoas LGBT<sup>1</sup> como humanas, com personalidades, como cidadãos e sujeitos significativos para perceber os sentidos sociais da história da atualidade? Quais condições permitem a criação do diálogo dos diferentes? Atento à problemática do contato pessoal – e relacional – do jornalista com as LGBT para a efetiva produção de narrativas com sensibilidade solidária, conceito que debateremos mais à frente, desenvolveu-se, entre 2015 e 2017, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) uma pesquisa em nível de mestrado (Gonçalves, 2017) com um olhar especial para essas questões de autoria e de responsabilidade jornalística com pessoas LGBT.

A pesquisa voltou-se à experiência de três jornalistas na escrita de livros-reportagem sobre pessoas LGBT. Deu-se atenção às formas de captação de informação, o empenho de cada jornalista em compreender as dinâmicas de fragilidade e vulnerabilidade da vida das LGBT e a elaboração narrativa tecida a partir da experiência e da escuta delas. Para isso, o pesquisador debruçou-se sobre os elementos de sentidos e modo de construção das reportagens, mas também efetivou uma investida de campo por meio dos subsídios

metodológicos provenientes da reportagem. Dessa forma, são os diálogos dessa investida que apresentaremos a seguir.

É importante frisar que a relação Eu-Tu (Buber, 1982) é uma inquietude epistemológica em relação às práticas jornalísticas em constante trabalho nas pesquisas de Cremilda Medina (2003, 2006, 2008, 2016) e demais pesquisadores do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social, grupo com mais de 30 anos de trajetória na USP. Medina (2006, 2016) nos dá pistas de que a operação sutil do ato jornalístico, não é a de explicar e de divulgar os acontecimentos humanos, chave que não dá conta da experiência do Outro, mas sim do que pode surgir, principalmente, da elaboração transformadora do encontro e da experiência de se estar afeto ao Outro.

*Da experiência de campo no jornalismo e na comunicação social, bem como no trânsito das áreas de conhecimento interdisciplinares e da epistemologia, deslocou-se a relação sujeito-objeto para a sujeito-sujeito<sup>2</sup>.*

O conceito de “Signo da Relação” emerge como fruto desse deslocamento, e, portanto, no trabalho de Cremilda Medina (2006), dá-se ênfase à capacidade jornalística de produzir mediação-autoria, isto é, de ser um profissional articulador de múltiplas vozes do cotidiano e de significados histórico-culturais. O trabalho jornalístico está para além da ideia de divulgação ou propagação de informações e opiniões com o suporte das mídias tradicionais e de novos suportes digitais. O jornalista opera na dinâmica da produção simbólica, em produzir e fazer acontecer o signo da relação em vez do signo da divulgação.

Dessa maneira, na tarefa de produção de sentidos, o desejo contemporâneo de um jornalismo com mais diversidade, que amplia visões de mundo e articula diferentes vozes, sem colocar sujeitos, grupos e identidades em posições de distinção é imprescindível. Torna-se necessário frisar que jornalistas carregam interpretações de mundo que podem ser machistas, racistas e discriminadoras com pessoas LGBT da mesma forma que outros sujeitos sociais o fazem, mas jornalistas elaboram narrativas transformadoras com ênfase em experiências singulares ao mesmo tempo em que entrelaçam um diálogo com contextos coletivos (Gonçalves, 2017).

Dito isso, compartilha-se de aqui em diante parte da pesquisa, a experiência metodológica da reportagem e do diálogo com jornalistas produtoras de sentidos contemporâneos sobre as LGBT<sup>3</sup>.

No diálogo com as autoras, por meio de grifos em bold identificamos noções e obstáculos que emergem no trabalho

jornalístico frente aos problemas de gênero. De modo que se torna possível construir leituras sobre os desafios de tecer histórias sobre sujeitos genericados, isto é, de sujeitos com uma perspectiva que os coloca em destinos de pobreza, vulnerabilidade, restrição a direitos fundamentais e violência a partir de outros usos corporais, desde o reconhecimento de si até a exploração do desejo afetivo-sexual.

### **Diálogos sobre autoria jornalística e gênero**

Em agosto de 2016, após uma visita ao Rio de Janeiro, durante os Jogos Olímpicos, estive em Recife, Pernambuco, com o intuito de ter um encontro com Fabiana Moraes, autora de *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem* (Moraes, 2015).

Neste livro, Fabiana traz a série de reportagens que realizou para o *Jornal do Commercio (JC)* com o intuito de contar a experiência de vida de Joicy Melo da Silva, uma mulher transexual de Alagoinhas, agreste de Pernambuco, que está apta a passar pelo processo cirúrgico de readequação genital (neovaginoplastia) no Hospital das Clínicas de Recife.

A conversa com Fabiana se deu no dia 9 de agosto de 2016, em plena casa da jornalista, no bairro de Espinheiro, em Recife. Além de jornalista, Fabiana é socióloga formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalhou como repórter especial do *JC* e, atualmente, é professora no curso de Comunicação Social da UFPE, local onde traça pesquisas que envolvem temas como pobreza, celebridades e visibilidade. Seu livro-reportagem foi reconhecido com o Prêmio Esso de Reportagem e como finalista do Prêmio Jabuti, maior premiação literária brasileira.

Diante de Fabiana, começamos uma reflexão sobre os meandros do que significa, atualmente, construir narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados e sobre temas que pouco figuram com o devido reconhecimento dentro dos meios jornalísticos brasileiros.

Na leitura da reportagem, é perceptível que Fabiana Moraes vivenciou dois movimentos em relação à Joicy: 1) Saber das fragilidades da vida da transexual. Perceber a pobreza e a precariedade da vida de um ser humano e, para além da função de jornalista, ajudá-la na compra de alimentos e com as consultas médicas. 2) Ao mesmo tempo, compreender que Joicy não ofertava um retorno proporcional

para com ela. Em muitos momentos dessa relação, Joicy desestimulou o contato profissional e ultrapassou barreiras éticas e de intimidade por meio de acusações de que a jornalista teria lucrado com sua vida.

Diante do comportamento adotado por Joicy, motivo de distanciamentos já reportados no livro, como os momentos nos quais ela disse o que queria dizer, independentemente se fosse magoar ou se fosse algo injusto, Fabiana criou um afastamento definitivo. Contudo, a progressão midiática de uma reportagem para um livro, e agora para um documentário, criou mecanismos dos quais a repórter não dá conta da tarefa de produzir uma vida com mais felicidade para a transexual, o que motiva constantemente os telefonemas e as mensagens de Joicy.

— É algo que eu me preocupo porque a gente é responsável, principalmente, quando estive na casa da pessoa durante nove ou dez dias com uma equipe de nove pessoas. É uma atenção o tempo todo. De repente, você sai, vai embora. É um sentimento que temos com nossos personagens. A gente se aproxima, conversa, tchau e bênção. Raramente, você vê novamente. É um conflito que todo jornalista, ou pesquisador, passa quando lida com pessoas, mas ao mesmo tempo eu não posso fugir disso. Na verdade, essa atenção que a gente dá a ela e essa maneira como reitera e repete o nome dela midiaticamente é algo que ela pode se apropriar e levar benefícios para a vida dela, mas acontece que ela acaba minando todas as relações. É uma relação muito utilitarista que ela estabelece.

Para além de Joicy, pensando no tema da transexualidade, é significativo que a jornalista tenha atuado de alguma forma com a produção de narrativas com grupos fragilizados. No ano de 2010, Fabiana também foi responsável por uma reportagem com as travestis de Recife. O texto chamado “Fale com Elas” acompanha o cotidiano das personagens. Desde as dificuldades como ser alvo de chacota nas ruas e a impossibilidade de usar banheiros públicos, até os envolvimento com os *t-lovers*, homens que preferem manter relações com as travestis.

— **Nesta matéria, há erros clássicos em relação às mulheres transexuais, às travestis e as diferenciações dessas identidades.** Tudo o que a gente vem aprendendo nos últimos anos, informações que se tornaram mais democratizadas, assim como há erros aqui [no livro-reportagem *O Nascimento de Joicy*]. Desde esse momento, **chamava-me muito a atenção, como até hoje chama, você ter um corpo que é questionado. Ter uma existência**

**questionada.** Com relação, as mulheres trans, travestis e homens trans, eu ficava pensando nessa questão da aparente simples escolha que você faz entre ser ou não ser algo.

A rejeição social ao corpo transgênero foi percebida por Fabiana Moraes e também foi a força que motivou a elaboração da reportagem com Joicy. Nas palavras de Fabiana, era inquietante perceber como experiências de diferença são vigiadas e punidas. É o caso do corpo gordo, do corpo negro; a gordura, associado à preguiça e à doença, e a pele, associada com aspectos mais profundos do Brasil, como a escravidão e o processo de miscigenação.

— No caso do “Fale com Elas”, tinha uma experiência, a qual eu já queria fazer a muito tempo, que era só ver uma travesti andando pela rua. Ver o entorno em relação a ela. Quero perceber em alguns momentos dessa caminhada o que é que ela passa todos os dias. Neste recorte, eu fiz isso. Andei de ônibus com Claudia, saía com ela, às vezes eu ficava atrás dela só sacando. Era pavoroso! Não no bairro dela, onde ela era uma presença conhecida que circulava, mas em outros lugares. No centro da cidade, ela dizia que as pessoas a chamavam de Satanás, que tinha gente que chegava com uma Bíblia e lia para ela deixar de ser aquilo. Ela era o tempo todo interpelada. Como é ser o tempo todo interpelado por algo que você abraça, que você é aquilo e que você quer ser. É muito constrangedor e ocorre constantemente.

Para Fabiana Moraes, o que as reportagens sobre Joicy e sobre as travestis permitia é algo comum aos experimentos antropológicos e sociológicos: ajuda a perceber como se dá o reconhecimento de problemas sociais, neste caso, um problema de gênero, questão que motiva outros escritos da jornalista-autora:

— **A escrita tanto do “Fale com Elas” quanto do *Nascimento de Joicy* tinha a ver com essa análise de por que a gente, como sociedade, tem uma dificuldade tão grande, apesar de todo o discurso de modernidade, de se relacionar com pessoas trans.** Para mim, tinha a ver com uma outra coisa mais ampla que era escrever sobre mulheres. **Eu escrevo sobre mulheres constantemente. O que eu percebo, principalmente com as travestis, é que o nó da questão está na negação do masculino. Como é que você nega esse sacrossanto presente, o seu pênis? Não é só o pênis, mas como você nega a fisionomia, seu vestir, todos os códigos da masculinidade? Como é que você troca isso pelo ser mulher?** O ser mulher é

a grande questão, é a grande vergonha. Como é que você adere ao código do feminino? O feminino não é bom, bom é o masculino. **Discutir Joyce e mulheres trans é discutir mulher, são mulheres que aqui passam por violências específicas, nem maiores, nem menores, mas certamente mais violentas.**

Diante de tal clareza de Fabiana Moraes, a próxima indagação só poderia versar sobre a recente controvérsia sobre as categorias de identidades (cisgênero/transgênero) e a perspectiva de saberes e falas localizadas. Como é possível operar com a alteridade e com a voz do Outro no jornalismo sem restringir o direito de fala de quem vive uma experiência de vulnerabilidade?

— Estamos em uma fase muito pedagógica e tem que se ter paciência, por exemplo, Daniela Andrade e Neon Cunha<sup>4</sup> [no lançamento do livro-reportagem] chegaram para mim e disseram “você escreveu mulher biológica”. Hoje é um termo em discussão. Tudo isso são falas em disputa, categorias que circulam e mudam; mulher biológica é um termo que a medicina usa e neste momento estamos questionando a medicina também. No lançamento do livro, eu falei para a plateia que tinha um termo ali que hoje é debatido, que Neon e Daniela me chamaram atenção sobre isso e eu acho que elas têm razão. Para algumas feministas não, é mulher biológica sim.

Em um momento seguinte, Fabiana ilustra que os discursos sobre a transexualidade não se dão de forma coesa. **A interpretação e o reconhecimento que Joicy possui da transexualidade está justamente na relação que algumas pessoas transexuais têm com as genitálias, na ideia de intervenção cirúrgica, o que pode ser considerado violento e normativo para outras experiências de transgeneridade.**

— No site da reportagem<sup>5</sup>, tem um vídeo da Joyce questionando se ela terá clitóris. A cirurgia está marcada para dois dias depois e eu achei que seria desmarcada pela falta de entendimento com a médica. É uma conversa muito interessante. Eu a gravei: “Falaram que eu ia ter um clitóris, eu quero ser uma mulher normal”. Eu percebi que é um discurso de uma trans que vai contra a ideia da transexual, inclusive, contra a definição de mulheres trans que têm mais acesso à informação, que estão em debates da universidade, não é o caso dela. **Joyce não se apropria dessas questões. Ela articula outros referenciais de gênero, de uma transexualidade binária, heterossexual, normativa nesse sentido, mas na apresentação do corpo não.** Diz “sou trans, sou

trans” e usa bermuda e o cabelo curto. Ela é muito ambígua para a nossa noção de mulher trans.

A jornalista traz a ideia de que, no momento, os debates sobre gênero, raça e sexualidade estão corporificados em sujeitos, os únicos que podem saber e falar por si mesmos.

— O que eu temo é a corporificação do discurso. Se de repente só indígenas podem falar sobre questões indígenas, se somente negros podem falar sobre negritude, nós estaremos fazendo o jogo desse pessoal que está aí para minar direitos, que quer dificultar acessos. Com isso, não quero dizer que não podemos discordar, sem dissenso não há avanços, mas ao mesmo tempo é perigoso neste momento político. **É claro que eu compreendo que a experiência da mulher trans não é a minha experiência. Eu não estou falando por ela, mas com ela. Eu odeio a ideia de dar voz, eu não dou voz a ninguém.**

*Considera-se, no Signo da Relação, o significado decisivo na experiência dos sujeitos em relação, muitas vezes, em conflito. Somente a observação-experiência dá conta do encontro/desencontro dos sujeitos da arte de tecer o presente.*

Avançando, Fabiana traz um apontamento que atinge a ideia de que o mediador social poderia ser alguém que detém uma posição de vantagem de revelar e conhecer o discurso do Outro.

— **Eu não quero que ninguém fale por mim, mas eu quero que as pessoas sejam solidárias** pela questão de eu ser mulher, de eu ser preta e nordestina. Como eu vou abrir mão disso? Nós não temos condição de saber a dor do Outro, nós só podemos chegar perto, compartilhar e ajudar. Não é assistencialismo, é política o tempo todo. Eu não acho que Joicy precisa de mim para ser mãe dela, para cuidar dela. **Olhar Joicy e falar de Joicy é político. É trazer um olhar respeitoso, integral, olhar ela como um ser humano integral, não como um folclore. Essa é a minha tentativa de abordagem mesmo que nem sempre dê certo.**

Questiono o que a leva a construir a ideia de um jornalismo de subjetividade:

— Eu penso em um jornalismo subjetivo, para marcar espaço diante do objetivo, que eu prefiro pensar no subjetivo para inclusive entender os limites da minha relação com o personagem.

Ela prossegue com a crítica aos comportamentos estimulados pelos valores comuns à comunidade de jornalistas:

— Antes do doutorado, eu já me incomodava com a superficialidade na redação, com os modos como o jornalista fomenta



e reproduz preconceitos. Isso foi algo que mexia muito comigo. **Algo que o jornalismo faz é dizer quais as histórias que importam**, por regra, as dos olímpianos. É preciso sofrer, batalhar, ralar muito para conseguir alguma coisa. O que eu penso que é uma sacanagem com os pretos, com as mulheres, com as trans. Eu tenho que destruir meu emocional, meu psicológico e meu físico para chegar a algo em que sou reconhecido. Que tipo de discurso é esse que a gente fomenta tanto? É algo que deixa muita gente de fora.

Na reta final do diálogo com Fabiana Moraes, a jornalista conta como a produção da reportagem sobre Joyce afetou as mentalidades que seus colegas possuíam sobre travestis, homens e mulheres trans:

— Lá atrás **quando eu comecei a escrever sobre travestis eu já percebi umas mudanças, não por estar escrevendo sobre travestis, isso é importante de ser dito, mas sobre como eu estava escrevendo sobre travestis. Eu não queria mostrar as travestis em situação de prostituta, várias delas são, mas eu não queria. Eu queria que fosse de outro lugar**, um lugar que, talvez, a classe média entenda. Esse novo lugar causa um curto circuito, de um lugar em que normalmente ele aparece. É muito fácil ver a travesti no lugar estético e midiático dado a elas. Eu gosto muito de mexer com isso. O que provoca quando elas não aparecem assim? Uma vez que você faz isso, impacta o modo como os colegas jornalistas veem. Como aparece é fundamental. Aparecer só não diz nada, uma vez que pode aparecer de uma maneira totalmente distorcida. Como é feita a representação é fundamental para que essas questões sejam superadas.

Fabiana Moraes finaliza com a indicação de que o trabalho jornalístico, quando realizado com interesse e cuidado, pode criar abordagens mais profundas, reelaborar repertórios de mundo e, com isso, observam-se potencialidades ainda pouco praticadas:

— Durante muito tempo, fomos ensinados a escrever para manter o *status quo*, a estabilidade de pensamento e não o contrário. Todos crescemos com repertórios imagéticos e discursivos, os jornalistas não estão fora disso. É recente o processo de questionar por que as coisas são como são. Dá trabalho provocar fissuras, você é questionado dentro e fora da redação. **Eu tenho uma convicção forte de que esse livro não é somente sobre Joyce, é sobre jornalismo, de como o jornalismo trata o que é entendido como diferente. É sobre meus limites como pessoa e como repórter. É sobre a minha experiência com uma mulher transexual.**

[...]

No dia 3 de fevereiro de 2017, tive a oportunidade de agendar um diálogo com a escritora e jornalista Karla Lima. Nascida em 1971, ela foi publicitária por 16 anos e se formou em jornalismo com quase 40 anos de idade. No entanto, o mundo da escrita e das letras sempre esteve por perto da profissional, que já foi revisora, professora alfabetizadora de adultos e repórter. Hoje, Karla conta com cinco livros, após a trajetória iniciada em 2006 ao lado da esposa Pyla Pêra (Patricia Yury Assumpção).

A motivação do encontro foi o livro-reportagem *Muito Prazer – Vozes da Diversidade* (Lima, 2013), no qual a autora perfilou 23 pessoas em 20 histórias. O intuito da obra é apresentar a visibilidade lésbica no Brasil em diferentes períodos e contextos. Trata-se de um painel de vozes, que além das orientações sexuais distintas, também são de diferentes localidades, gerações, profissões, classes sociais, de crenças religiosas e inclinações políticas diversas.

Nossa conversa foi realizada em uma cafeteria de uma famosa rede norte-americana, na unidade localizada na Avenida João Jorge Saad, na zona sul de São Paulo. De pronto fui recebido por um belo sorriso de Karla, que tinha cabelos cinzas, uma mistura de fios brancos e escuros, balançando ao vento. Com cafés quentinhos em mãos, demos início ao diálogo:

Após contar sobre sua trajetória e como a decisão de estudar jornalismo veio tardiamente, Karla se debruçou sobre como se deu a elaboração do título que escreveu:

— O que me motivou a escrever esse livro, o *Muito Prazer*, foi **a possibilidade de dar a conhecer outras histórias**. O que a gente percebia é que havia dentro da miséria que é o número de títulos direcionados às LGBT. Partindo do pressuposto de que a quantidade é pequena. Dentro deste pequeno universo existia uma esmagadora maioria de livros trágicos, em que a homossexualidade é punida com morte, seja assassinato, seja suicídio, seja morte social; havia muita tristeza, muita desgraça. E tudo bem. Isso refletia o momento em que essas obras foram produzidas, mas a gente não tinha muitas referências de histórias escritas, por e para homossexuais bem-sucedidas, felizes, em que as pessoas são socialmente produtivas, integradas à família, em que elas são cidadãs tão comuns quanto outros cidadãos.

Ela complementou ainda que o formato jornalístico contribuía para encontrar e expor outras vozes e experiências semelhantes àquelas que vivia com sua esposa:

— O relato jornalístico que nasceu dessa obra é fruto do **desejo de ampliar a nossa história, que poderia ser tomada por alguém de má vontade e tida como uma exceção. O que a gente queria dizer é que não. Ainda existe discriminação, ainda existe muita violência, ainda há milhões de problemas especialmente entre as camadas mais religiosas, entre as menos educadas e entre as mais periféricas. Entretanto, não é que somente nós duas somos felizes, bem resolvidas, aceitas e bem integradas.** Existe toda uma população que se enquadra nestes mesmos parâmetros. Vamos lá mostrar.

Mais adiante na conversa, Karla Lima pontuou que a relação entre jornalista e protagonista reflete responsabilidades dos dois lados com o Outro, o que nem sempre é perceptível por quem decide contar sua história:

— Houve o caso de uma pessoa do Rio de Janeiro, que me concedeu a entrevista e foi uma entrevista sensacional. Eu passei uma tarde e meia noite na casa dela. E no fim, quando ela recebeu um primeiro rascunho do capítulo, ela concluiu que pensando bem, ela não queria participar do livro. Foi extremamente frustrante. Você vai a outro estado, é recebido na casa do entrevistado, ele vê o gravador, ele autoriza formalmente, e fala, abre-se em uma entrevista dos sonhos, sabe? E aí você redige o capítulo com aquela matéria-prima, não havia informação inventada, não havia fato elaborado artificialmente. A pessoa lê o capítulo e não gosta do que vê ali. Achei uma irresponsabilidade no comportamento dela. Houve ali gasto financeiro, de energia e um desgaste emocional.

— Quanto àquelas que estão concretamente no livro, eu não tive nenhuma dificuldade. Elas foram extremamente queridas, receptivas e fofas. Eu sou muito grata a todas elas. Eu não mantive contato com todas, mas a gratidão permanece. Todas elas gostaram muito. Todas essas pessoas aprovaram os respectivos capítulos antes que eu publicasse. Não sei se onde você estudou jornalismo alguém te contou isso, a mim não contaram e eu descobri muito depois de formada, que **não é menos jornalístico submeter o material ao entrevistado.** Claro, não estamos aqui falando de jornalismo investigativo. Esse tipo de jornalismo biográfico tem o endosso, por exemplo, da *The Paris Review*, nela todos os perfis são aprovados pelo perfilado. **Foi por isso também que eu me meti a fazer esse livro porque eu não queria me indispor com as pessoas, eu não queria constrangê-las.**

Ao longo da reportagem, Karla traz para o leitor o mosaico de sentidos e reconhecimentos que distintas mulheres dão para a experiência afetiva-sexual de estar com outra mulher. Pergunto como e se ela vê esse jogo de identidades.

*A consciência das pluralidades identitárias decorre de uma experiência de contato com o Outro, sua cultura, história e circunstância. Este desafio se põe perante a mentalidade autoritária sujeito-objeto; daí o laboratório do signo da relação, sujeito-sujeito.*

— Por um lado, eu não acredito que ser uma pessoa pública obrigue ninguém a levantar bandeira nenhuma. Por outro lado, e com a mesma intensidade, eu acredito que se você é uma figura pública, você está em uma posição privilegiada para fazer alguma coisa em favor do grupo que você pertence. Acaba sendo uma omissão esquisita você se esconder por trás da afirmação “eu não levanto bandeiras”. Especialmente, se além de públicas, essas pessoas estiverem em posições de poder. O que quero dizer com poder é se elas têm fãs, se são artistas, se elas têm eleitores, no caso de serem políticas. Elas estão em uma posição de fazer algo em prol da comunidade e o fato de elas se omitirem, a mim, incomoda. Embora, eu entenda e respeite o direito delas de não fazer nada. Entre as minhas entrevistadas, algumas pessoas estão muito ligadas à militância, é claro que elas são as primeiras a dizer da importância de se declarar homossexuais, de agir de uma maneira pública coerente com o que elas são particularmente. Tem também o caso de uma entrevistada que diz que para ela a questão sexual é muito fluida. Ela não se sente necessariamente lésbica, mas ela faz questão de se declarar lésbica porque ela entende que isso é uma posição política importante. E veja que ela não é militante, ela apenas tem uma consciência militante, outras pessoas têm um histórico grande na militância e dessas eu não esperava nada diferente. Elas se declaram sempre, antes mesmo de serem perguntadas, coisa que eu também faço sempre. **Eu entendo que isso é uma posição política. Eu entendo que há importância nesse gesto.** Faço questão de me declarar com contexto ou sem contexto, assim como algumas das entrevistadas, outras não acham que seja tão relevante assim.

Em outro momento, pergunto à Karla como ela faz para transportar a ideia de vínculo com o protagonista da narrativa, da coleta do depoimento para o papel.

— Ouvir é uma coisa que me interessa. Eu não faço um esforço para isso. O interesse que eu tenho com a pessoa que eu estou entrevistando

naturalmente transparece na produção textual. Não é de caso pensado, embora eu não seja permanentemente uma pessoa empática. Entrevistar pessoas é um contexto que me torna muito maleável, muito solidária, muito “sou toda ouvidos”. Isso nasce de um interesse genuíno.

Será que a proximidade do autor com a experiência poderia ajudar?

— Para mim, **ser LGBT não aumenta nem diminui a empatia que eu possa ter com entrevistados LGBT**. Assim como eu sou mulher, falar com homem ou com mulher não é mais fácil nem mais difícil, assim como eu descendo de alemãs, entrevistar alemãs não modifica em absolutamente nada do meu trabalho. As demais categorias em que eu me encaixo, e são muitas assim como qualquer outra pessoa, eu não sinto que a característica que eu tenho e que é compartilhada com o entrevistado me aproxime dele. **O que me faz me aproximar dele é o meu interesse no que ele tem a dizer, seja ele quem for. As trajetórias são tão únicas**, eu tenho isso em comum com alguém, mas o resto é tão diferente.

Fico intrigado se a falta de familiaridade não acaba por resultar em um desrespeito com o Outro. Karla Lima me ajuda a pensar que, talvez, o desrespeito esteja mais ligado à falta de preparo para o diálogo, não ao fato de não conhecer a perspectiva do Outro:

— **A questão talvez não seja o estranhamento ou a familiaridade, talvez esteja em quanta disposição você tem para mergulhar naquele universo**. Não é a familiaridade que aumenta a minha empatia. Eu não acharia agressivo um repórter homem e hétero me perguntar “como é isso de ser lésbica?”. Eu entenderia que 1) ele está admitindo que não sabe nada desse assunto, o que é um bom começo, e 2) que ele quer ouvir a minha opinião. Eu acho que às vezes as pessoas se melindram demais com coisas que não são tão graves assim. É normal que as perguntas reflitam estranheza, a questão é como você colocará isso no texto, que nível de acolhimento e amparo você está oferecendo para a história que o cara generosamente compartilhou com você.

[...]

A oportunidade de tecer um diálogo sobre a obra *Entre a cruz e o arco-íris: A complexa relação entre os cristãos e a homoafetividade* (César, 2013), da escritora Marília de Camargo César, ocorreu em 7 de abril de 2017, na sede do jornal *Valor Econômico*, local de trabalho da jornalista, na avenida Francisco Matarazzo, na Água Branca, em São Paulo. Era um dia cinzento e de chuva na capital paulista, o clima

e a opção por uma conversa na sala de reunião do diário econômico sugeria que tudo seria extremamente impessoal e protocolar, o que não foi o caso.

Na obra, a jornalista produz uma investigação sobre a situação dos homossexuais cristãos brasileiros e mostra como as igrejas, os teólogos, a psicologia, a ciência e a política estão tratando essas pessoas ou como estão se omitindo em relação a elas, em alguns casos.

Paulistana, Marília exerce a função de editora-assistente, responsável por matérias especiais nas áreas de negócios, cultura e religião. É casada, tem duas filhas e escreveu o primeiro livro em 2009, chamado *Feridos em nome de Deus*. Marília é evangélica e resolveu escrever sobre abusos religiosos depois de testemunhar algumas experiências com amigos de sua antiga congregação. Sem generalizações, porque há bons pastores e boas igrejas, ela investigou abusos emocionais cometidos por pastores com intromissão radical na vida dos fiéis, que acontecem na esteira do crescimento acelerado da população de evangélicos no Brasil.

Em seguida, também no formato de reportagem, Marília produziu a biografia *Marina: A vida por uma causa*, de 2010. A obra conta a trajetória do seringal, no Acre, até a conversão à fé evangélica da ex-presidenciável, em 2010 e 2014, Marina Silva.

— Quando ela foi candidata, a militância LGBT começou a questioná-la em relação ao casamento gay e as pautas mais liberais que sempre aparecem quando alguém é candidato a presidente. A mídia deu destaque para isso e indicava que ela era contra. O que ocorre é que a Marina separa as coisas, ela fala que é a favor da união civil e dos direitos iguais, mas que as igrejas não devem ser forçadas a nada, já que o Estado é laico. Eu comecei a prestar atenção nesse debate e eu nunca tinha me interessado por essa questão homoafetiva. Eu comecei a me perguntar se havia muitos gays dentro das igrejas, se eles poderiam se abrir e dizer quem eles são. Será que existe um espaço de liberdade? Será que eles eram bem recebidos?

O assunto é identificado como um tabu dentro das igrejas e diante da preocupação da editora, seguida por uma negociação, o tema virou um projeto de livro-reportagem.

— É um tema que as igrejas não estão preparadas para discutir. Existe hoje uma leve abertura para o tema do livro. Na semana passada, eu estive em uma igreja, a Convenção Batista do Piauí, nada mais tradicional do que isso, e eles me convidaram

para falar sobre o tema. O que acontece é que dentro das igrejas você aprende e lê passagens da Bíblia que têm a ver com a prática homossexual. São sempre passagens que declaram com todas as letras que a prática homossexual é pecado. Você aprende somente uma sentença e não sabe nada sobre a constituição daquela pessoa. Repete esse discurso pelo resto da vida. **Como eu sou xereta e me identifico com questões que envolvem o sofrimento humano e existe muito sofrimento, muita rejeição, muita exclusão, – isso me interessa como pessoa e como escritora – eu quis mergulhar nesse universo e sair da questão teológica.**

Dando continuidade ao nosso diálogo, a jornalista conta que a estratégia para dar início à apuração foi a de consultar algumas lideranças religiosas de confiança. Os pastores indicaram psicólogos que costumam receber, dentro do público evangélico, pessoas que tinham algum nível de desconforto ou questão com a homossexualidade.

Entre os profissionais, foram ouvidos psicólogos que não lidavam com terapias de “cura gay”, mas de outro modo, e entre os pacientes, Marília encontrou os personagens que compartilharam suas trajetórias de vida e de fé na reportagem. Por fim, a jornalista foi conhecer e ouvir pessoas nas denominações inclusivas e pastores norte-americanos que debatem essa agenda há mais tempo nos Estados Unidos.

— As pessoas com quem eu conversei se mostraram muito abertas a falar, talvez pela indicação. Em alguns casos, eu percebi que tinha uma pequena armadilha. Dependendo da pessoa, ela já havia elaborado mais a experiência dela de conversão e a vida que ela estava levando agora. Aparentemente, a pessoa estava tentando passar para mim uma agenda, para que eu reproduzisse isso no livro. É algo que após muito tempo de reportagem, você tem uma sensibilidade maior para saber quando a pessoa está querendo te usar para reproduzir um discurso.

A jornalista enfatiza, em mais de um momento, o quanto explorar o tema em um livro-reportagem a ajudou a dirimir preconceitos enraizados:

*O processo de pesquisa que se dedica à leitura cultural envolve, como revela esta abordagem, a descoberta do Outro e a desconstrução dos pré-conceitos que regem a “formatação” da cultura do pesquisador/jornalista.*

— Todo esse trabalho foi uma grande descoberta. As pessoas só vão querer saber algo, se informar um pouco, quando tem uma pessoa homossexual próxima, a maioria das pessoas é

indiferente. Não me compete julgar, qualquer um faz o que quiser da sexualidade. Tirando os religiosos radicais, os fundamentalistas que têm uma obsessão e chegam a perseguir os homossexuais, a maioria das pessoas não liga muito. Cada entrevista, cada livro que eu li, tudo foi novo. Eu me surpreendi muitas vezes. Inclusive quando eu fui em uma igreja inclusiva. Eu imaginei que eram pessoas que tinham começado a frequentar porque foram lá por curiosidade. Lá eu descobri que a maioria vinha de outras igrejas, de denominações de onde foram expulsos ou desprezados dentro da igreja.

Marília concorda que **parte do acesso ao Outro vem do desenvolvimento de competências como um olhar curioso, um olhar infantil, que permite ouvir muito mais e saber do Outro em vez de fazer uso de enquadramentos provenientes de questões ideológicas**. O que ocorre muito na mídia cotidiana em que se sai com uma tese na cabeça para colher declarações que comprovem.

— **Eu cheguei nesse assunto como uma criança, com o coração aberto, sem defesa, sem estar na retranca**. Como uma criança que faz as perguntas mais bobas. É assim que os grandes cientistas descobrem as grandes coisas. Disposta a aprender e saber o que estava acontecendo. Eu considero que fiz uma boa pesquisa que envolve diversos aspectos: o histórico, o sociológico, o psicológico e o teológico. Claro que **não é uma coisa conclusiva, de jeito nenhum, mas eu acho que consegui ter um resultado bacana**. Se eu quisesse trabalhar algum tipo de ideologia era só editar algumas frases. É fácil fazer isso.

Em nossa conversa, Marília debate se a sexualidade é ou não uma construção social. Indicamos que parte das interpretações de uma cura gay passa pelo reconhecimento de que a sexualidade é uma construção e poderia ser desconstruída. Se a defesa da fé diz que sexualidade é uma construção, não poderiam todas as formas de sexualidade serem ressignificadas? A existência do ex-gay pode ser simétrica à experiência do ex-heterossexual. No entanto, Marília me alerta para o que dizem seus interlocutores:

— O que eu vi foram homossexuais que se converteram genuinamente. Tiveram uma experiência muito marcante com Jesus e a partir daquele momento entenderam que a Bíblia diz que a prática homossexual não faz bem para o homem. O que é o pecado? É tudo aquilo que não é legal para você. O que ocorre é que a pessoa procura se abster daquilo e para isso a pessoa vive como se fosse heterossexual. Foi isso o que eu encontrei, foi o que falaram para mim. “Marília, eu



vivo uma vida heterossexual, eu casei, tenho filho, tenho filha. Essa é a minha posição. Eu creio que isso é ser coerente com a minha fé. Eu quero viver uma vida coerente, mas se você me perguntar se eu sou heterossexual, eu vou responder eu sou homossexual”.

Marília de Camargo César faz questão de demarcar que sua atuação é jornalística. Dessa forma, o trabalho realizado no livro, e em eventos como palestrante, não se trata de impor uma visão de gênero ou defender a posição dos movimentos LGBT. A jornalista indica que é fundamental reconhecer que o debate é complexo e que vivemos em um contexto em que a teologia inclusiva e as novas configurações de família são grandes discussões da sociedade.

— **Cada um lê o livro pelo que tem dentro de si.** O pessoal mais da militância leu o livro e disse mais ou menos assim: “você está defendendo as pessoas que vivem uma vida fingindo que são heterossexuais. É isso que a religião faz, ela aniquila as pessoas e faz com que elas tenham uma vida falsa”. Radicaliza, “pô”, você não está respeitando a experiência que a pessoa teve com Cristo e a regra que ele vê na Bíblia foi uma experiência mais forte do que a prática que ele pode vir a ter. Aquilo foi mais impactante na vida dele do que a sexualidade. Você está falando de uma conversão, um preenchimento espiritual que, talvez, você nunca experimentou antes. Aquilo para a pessoa é muito mais importante.

Na conversa com Marília, fico inquieto com o apontamento de que militantes LGBT são radicais. A jornalista argumenta que há radicalismos por parte de todos os grupos sociais rejeitados, como se ocorresse uma reação de intolerância por parte dos grupos fragilizados.

— É o que eu falo no livro: os extremos se encontram. O sujeito da militância também é intolerante. Não aceita que uma pessoa possa se converter e que a experiência da fé seja superior à da sexualidade. Têm extremos dos dois lados.

Digo a Marília que, na leitura da obra, fiquei assustado com a afirmação de que o movimento LGBT é radical.

— O que eu vi, o que eu percebi é que esse pessoal tão excluído, tão perseguido, fica cheio de raiva, na defensiva. Age com raiva para cima do outro que quer te contrapor com outra ideia. Você cospe na cara do Bolsonaro<sup>6</sup>. Você não consegue se equilibrar, se segurar. Eu penso assim: eu discordo, mas posso manter minha composição calma. Esse equilíbrio falta nas duas partes, por razões diferentes.

Ensaia-se ali a interpretação de que a proeminência de figuras políticas intolerantes instaurou um discurso de confronto entre LGBT e

evangélicos, com isso, no contemporâneo, é crescente entre as LGBT encontrar pessoas que definem a fé como irracionalidade e intolerância.

No fim de nosso papo, Marília diz que, hoje, se fosse possível fazer uma nova edição do livro-reportagem, ela incluiria na reportagem um capítulo com a perspectiva dos cônjuges daqueles que viveram parte da vida como homossexuais e, atualmente, estão em relações afetivas heterossexuais. Contaria os dilemas e a aceitação das esposas de ex-gays e maridos de ex-lésbicas. Ela encerra com comentários sobre quais são as estratégias que aplica para contar uma história significativa:

— **O bom repórter ouve o que a pessoa não está dizendo e muitas vezes é o mais importante da história. É um olhar, um gesto, uma fala com significado especial.** Sempre trabalhei em jornal e não se tem esse espaço. As matérias são pequenas e você tem que ser objetivo e acabou, em especial, no jornalismo econômico que tem que contar o quanto faturou, quantos por cento cresceu, está contratando ou se está demitindo, está investindo. Tudo muito objetivo. O espaço que tenho para exercitar a minha sensibilidade é o livro. Infelizmente, hoje não tem mais tanto esse espaço. Quando sai algo, geralmente, no especial de domingo, de página inteira, você fica encantado. **O papel do jornalista é transmitir para o leitor o que ele está vendo e o que ele não pode ver, não só descrever dados**, infelizmente, não temos mais esse espaço no jornalismo diário, ficou para a literatura.

*Em narrativas da contemporaneidade, não importa o suporte técnico ou tecnológico, tradicional ou digital, a autoria da mediação social (jornalismo, comunicação social) se inspira na arte (literatura e demais expressões), na cumplicidade ética e na criação estética. Só se diferencia na referência ao real contemporâneo.*

### Palavras finais

Os três casos nos oferecem subsídios para evidenciar que o jornalismo tem um papel fundamental nos modos como acessamos o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, de quem pode ser lido e reconhecido como ser vivente digno, respeitável e com acessos aos mesmos direitos. O jornalismo conduz narrativamente modos de conhecer e compreender as existências humanas. Isto é, se o gênero é condicionado às normas e ao exercício de reelaboração

da realidade de gênero (Butler, 2003, 2009; Preciado, 2011, 2014), o jornalismo é capaz de indicar quais realidades serão inteligíveis (limite de compreensão e inserção) e com quais e como será possível de se cultivar solidariedade. Com isso, ao tecer conteúdos jornalísticos sobre as LGBT emergem alguns recursos e noções em aberto, como indicados nas falas em negrito das autoras dos livros-reportagens, no que tange ao processo de relação entre jornalista e protagonista social:

- O desejo de exercitar o olhar plural no cotidiano como forma de compreensão das desigualdades sociais por meio da busca pela diversidade e pelo cruzamento de diferentes marcadores de diferença (raça/etnia, nação/localidade, classe social, gênero, geração/idade, deficiência).

- O cuidado de identificar que a população LGBT e demais pessoas que vivem experiências de gênero e sexualidade não hegemônicas compartilham experiências de injúria e impeditivas da livre expressão e uso do corpo.

- Olhar para além das armaduras identitárias, na expectativa de acessar outras experiências e complexidades e, ao mesmo tempo, ser solidário e respeitoso com a identidade de gênero e a orientação sexual do Outro, por meio do uso do nome e de demais formas de tratamento que a pessoa reivindica para si.

- A construção de um diálogo sincero e sensível, sem invadir a intimidade, sem julgar, diminuir ou desqualificar a experiência da pessoa LGBT, ou seja, se permitir conhecer o Outro, ouvir e dialogar, como meio para desarmar ideologias, crenças e dogmas.

- A atenção de conferir o conteúdo com as pessoas LGBT envolvidas e se perguntar se o conteúdo contribui de forma positiva para o reconhecimento dos dilemas dessa pessoa e para o respeito e dignidade da população LGBT.

- A postura crítica de evidenciar que não existe sexualidade normal, natural ou legítima, e que a própria heterossexualidade é uma construção de sentidos que se inicia, muitas vezes, antes do nascimento.

Para nós, nos parece fundamental acrescentar que, em muitos impasses existentes entre jornalistas e pessoas LGBT, parte da ineficiência da comunicação se dá pela hipertrofia das concepções de gênero cristalizadas como valores culturais e visões de mundo pelo jornalista e por quem o cerca, de maneira que essas concepções incidem nas estruturas organizacionais e hierárquicas da empresa e no próprio conteúdo jornalístico, mas também não é somente isso,

também se deve ao quanto somos capacitados à permeabilidade do Outro e à desconstrução de um signo da divulgação. No entanto, o jornalista não nasce feito. Caminhos de rupturas devem ser trilhados para que se efetive uma narrativa sensível, solidária e cúmplice. A cobertura jornalística com atenção às questões de gênero significa mais do que produzir novos conteúdos. Passa por ser responsável pelo tom dado às narrativas, aos aspectos visuais, por quem está escrevendo, por quem é fotografado, quem são as fontes e os especialistas consultados. Não são as técnicas e os manuais que guiam para essa mentalidade, mas, talvez, se desenhe pela humildade compreensiva de cada repórter que vislumbra no contato e na escuta social uma narrativa inspiradora e crítica às relações de poder e às desigualdades que se fundam nas relações e sentidos dominantes dados ao gênero e à sexualidade.

## NOTAS

- 1 LGBT diz respeito ao grupo de pessoas marcadas por experiências de gênero e sexualidade consideradas desviantes de uma ordem cultural compulsória. A saber, principalmente, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, homens e mulheres transexuais, intersexuais. Neste trabalho, a sigla LGBT reúne essas e demais pessoas cuja orientação sexual ou identidade de gênero não está aprisionada na matriz heterossexual aplicada aos corpos.
- 2 Como exercício do encontro, da pedagogia dos afetos e da experiência da relação, neste artigo apresenta-se excertos demarcados em *itálico* nos quais há a voz e a escrita coautoral da orientadora da pesquisa de mestrado, que é a professora Cremilda Medina.
- 3 Na autoria dos livros “A arte de tecer o presente” (1973), em coautoria com Paulo Roberto Leandro, e de “A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano” (2003), construiu-se uma metodologia, uma visão de mundo e uma estilística da autoria na reportagem interpretativa.
- 4 Ambas são importantes ativistas transfeministas no Brasil.
- 5 É possível conferir a última consulta antes da cirurgia e a questão

do clitóris, que não existirá, na galeria de vídeos do site da reportagem: <[www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/videos.html](http://www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/videos.html)>.

- 6 Marília faz uma alusão ao episódio no qual o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) cuspiu em direção ao deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) durante a votação da admissibilidade do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016. O cuspe teria sido uma devolutiva para um insulto homofóbico ouvido pelo deputado Jean Wyllys. É importante destacar que Bolsonaro, na mesma votação, fez uma homenagem ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-Codi (órgão de inteligência e repressão do governo brasileiro, palco de prisões e torturas durante o regime inaugurado com o golpe militar de 1964). Ustra foi reconhecido pela Justiça brasileira por comandar torturas, incluindo a sofrida por Dilma Rousseff.

## REFERÊNCIAS

- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Butler, J (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar – trad.) Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (setembro/dezembro, 2009). Performatividad, precariedad y políticas sexuales. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, 4 (3), pp. 321-336.
- César, M. de C. (2013). *Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte, MG.
- Gonçalves, G. O. (2017). *Signo da diversidade: narrativa e compreensão jornalística com pessoas LGBT*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.
- Lima, K. (2013). *Muito Prazer: vozes da diversidade*. São Paulo, SP: Edição do Autor.
- Medina, C. (2003). *A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano*. São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Medina, C. (2016). *Ato presencial: mistério e transformação*. São Paulo, SP: Casa da Serra.

Medina, C. (2008). *Ciência e Jornalismo - Da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo, SP: Summus Editorial.

Medina, C. (2006). *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo, SP: Paulus.

Medina, C.; Leandro, P. R. (1973). *A arte de tecer o presente*. São Paulo, SP: ECA-USP.

Moraes, F. (2015). *O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem*. Porto Alegre, RS: Arquipélago Editorial.

Preciado, P. B. (2014). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. (M. P. G. Ribeiro – trad.). São Paulo, SP: n-1 edições.

Preciado, P. B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, 19 (1), pp. 11-20. Florianópolis, SC.

**Gean Gonçalves**, além de jornalista voltado aos direitos da população LGBT, aos temas de gênero e sexualidade na comunicação social, é mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: geangoncalves@usp.br.

**Cremilda Medina**, jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo. Publicou 18 livros na área de jornalismo, comunicação social e literatura, em muitos deles aborda a pesquisa a que se dedica há cinco décadas e cujo principal desafio é a dialogia social. E-mail: medinase@usp.br.

RECEBIDO EM: 01/11/2017 | ACEITO EM: 11/02/2018